

NARRATIVAS DO APRE(E)NDER: UMA DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO PSICOSSOCIAL DA INCLUSÃO DE ADOLESCENTES SURDOS

Daniella Cristina Bosco (Pós-graduanda do curso de especialização em Educação Especial: Deficiência Auditiva da Universidade Estadual Paulista/ campus Marília).

Sandra Eli S. O. Martins (Professora doutora do Departamento de Educação Especial da Universidade Estadual Paulista/ campus Marília).

Eixo temático: A formação docente na perspectiva da inclusão

TEXTO COMPLETO

A educação escolar das crianças e adolescentes surdos é um tema amplamente abordado e discutido no meio acadêmico em variados aspectos, especialmente no campo da constituição do sujeito pela linguagem e à implantação de um ensino bilíngüe para surdos (SOUZA, 1998). Do contexto de discussão entre as abordagens oralista, visogestual e de comunicação total iniciado a partir da década de 1970 (LACERDA, 1998), os estudos sobre língua de sinais foram se tornando cada vez mais estruturados e surgiram alternativas educacionais orientadas para uma educação bilíngüe. “Essa proposta defende a ideia de que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, que, mesmo sem ouvir, podem desenvolver plenamente uma língua visogestual” (IDEM, 1998, p. 76).

Segundo Lopes (2010), ainda hoje as concepções de surdez presentes nas abordagens educacionais encontram-se divididas dicotomicamente entre a utilização da língua oral e da língua de sinais como aspecto central na educação de surdos. Essas visões opostas, historicamente presentes no trabalho com pessoas surdas (MOURA, 1996), constituíram-se em abordagens filosóficas que ainda geram muitas reflexões.

Vinculado à ampliação dos estudos sobre bilingüismo, encontram-se pesquisas sobre a indissociabilidade existente entre língua e sujeito, e a relevância que esta adquire no processo de construção da identidade da pessoa surda nos aspectos lingüístico, cognitivo e social. Segundo Lacerda, “a filosofia bilíngüe possibilita que, dada a relação entre o adulto surdo e a criança, esta possa construir uma auto-imagem positiva como sujeito surdo, sem perder a possibilidade de se integrar numa comunidade de ouvintes” (1998, p. 78).

Trabalhos como o de Freitas (1996), Carvalho (1997) e Kassar (2000) procuraram abordar os aspectos relativos à constituição social da pessoa com deficiência dentro de um determinado contexto ideológico e cultural, considerando, por exemplo, o modo pelo qual o sujeito especial assimila em sua própria fala os dizeres sobre sua deficiência e a incorporação de enunciados que vão compor uma imagem, ou imagens, de si. Kassar analisou alguns diálogos de pessoas com deficiência múltipla de um grupo de jovens de uma instituição particular especializada, e como embasamento teórico-metodológico, adotou a perspectiva da psicologia histórico-cultural soviética que tem Vigotski, Luria e Leontiev como seus principais representantes e Bakhtin, da área da Filosofia da Linguagem. Assim, entendendo que o discurso não é território homogêneo com sentidos únicos, a autora defende que “o modo como as pessoas se vêem – ou significam sua existência – também se dá circunscrito socialmente, na tensão entre diferentes vozes, que aos poucos vão encontrando ou não ressonância no indivíduo” (KASSAR, 2000, p. 44)

Nessa perspectiva interpretativa, a linguagem é compreendida dentro de um processo de (re)organização constante da dinâmica entre do “eu” e do “outro”, sendo assim considerada um aspecto constitutivo do sujeito. Segundo Smolka, “dizemos que o homem produz linguagem e se produz na/pela linguagem. Nesse trabalho social e simbólico de produção de signos e sentidos a linguagem (...) é constitutiva/constituidora do homem enquanto sujeito” (SMOLKA apud BRAGA, 2000, p. 72). Estudos baseados em depoimentos de pessoas com surdez sobre suas experiências como alunos em escolas regulares, em esferas de atividades do cotidiano ou sobre suas próprias concepções sobre a língua de sinais podem ser encontrados na produção de diferentes autores, como Góes e Marin (2006), Lacerda (2006) e Lopes (2010). Conforme observado nas pesquisas que trabalham com entrevistas e análise de depoimento de sujeitos surdos, a questão da linguagem e da constituição da subjetividade configura-se como eixo central no resultado da interpretação e análise dos registros.

No mesmo sentido, tendo em vista que o meio sociocultural tem papel constante e constitutivo no desenvolvimento do indivíduo e considerando a produção sobre as relações entre surdez, linguagem e subjetividade (BUENO, 1998; DIZEU e CAPORALLI, 2005; GESUELI, 2006; GÓES, 2002; LACERDA, 2000; MARTINS, 2005), a presente pesquisa procurou analisar comparativamente o discurso de quatro adolescentes surdas matriculadas em escolas regulares e especializadas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, com o objetivo de procurar respostas para uma melhor

compreensão sobre como os surdos tem-se constituído como sujeitos bilíngües em espaços escolares comuns e especiais no sistema de ensino da referida cidade.

Esse problema surgiu porque, ao passo em que os estudos sobre bilingüismo se ampliavam, na década de 1990, a Educação Especial veio se redefinindo a partir de novos parâmetros, construídos a partir do paradigma da educação inclusiva. Esse novo modelo tem como fundamento uma visão universalista, e defende que todos os alunos tem o direito de aprenderem juntos, sem nenhum tipo de discriminação (BRASIL, 2008). Dessa forma, com o objetivo de se superar práticas fundamentadas na institucionalização e na segregação, as escolas regulares passaram a receber matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na classe comum, dentro das quais encontram-se os surdos.

Contrário, porém, à inserção descomprometida dos surdos no sistema regular de ensino, Skliar (1998) defende a necessidade de um movimento de tensão e ruptura com a educação especial, defendendo a aproximação das práticas e estudos sobre a surdez a partir da interlocução com pesquisadores de linhas de pesquisa e estudo em educação comum, em especial, para tratar de questões educacionais dos alunos com as deficiências que compõem esta modalidade de ensino, ou seja – Educação Especial.

Atualmente, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo mantém seis escolas de Educação Especial (EMEE's), espalhadas por toda a cidade, que destinam-se à crianças, adolescentes, jovens ou adultos com deficiência auditiva/surdez, surdo-cegueira ou com outras deficiências, limitações, condições ou disfunções associadas à surdez. O critério de atendimento a essa população está vinculado aos casos em que se demonstre que a educação nas classes comuns não foram suficientes para satisfazer às necessidades educacionais e *sociais* desses alunos (SÃO PAULO, 2007, grifo nosso).

Os seis espaços educacionais citados acima caracterizam-se como escolas bilíngües, tendo a língua de sinais como primeira língua dos surdos. Assim, considerando a existência dessas escolas na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo e as discussões de caráter político-educacional que norteiam a inclusão de alunos surdos, matriculados em escolas regulares e especiais da rede municipal de São Paulo, este estudo tem como foco buscar respostas que colaborem para elucidar os posicionamentos dos adolescentes surdos enquanto pessoas que apresentam a condição de surdez em relação à qualidade de suas interações lingüísticas em sala de aula nos diferentes espaços pesquisados.

Caracterização dos sujeitos

Na tentativa de verificar os processos de interação e interlocução do surdo em contextos específicos de sala de aula, fizeram parte desta pesquisa quatro adolescentes surdas usuárias da Língua de Sinais Brasileira – Libras, que possuíam idade entre 19 e 22 anos. Duas jovens entrevistadas estão atualmente matriculadas em escolas regulares (DRE Capela do Socorro e DRE Itaquera) e duas estudam em uma escola especial cujo critério para matrícula é os alunos apresentarem o fator surdez (DRE Santo Amaro). As participantes da pesquisa freqüentam regularmente o período noturno de suas escolas, em séries do Ensino Fundamental II (5ª. e 7ª. série).

Coleta dos dados

As entrevistas foram realizadas em espaços diferenciados, de acordo com a disponibilidade das participantes, e todas contaram com a presença de um intérprete de Libras, com objetivo de manter um padrão de interação com as participantes deste estudo, uma vez que todas são usuárias fluentes dessa modalidade lingüística. Pelo fato de a Libras ser uma língua baseada na modalidade visogestual, o registro das entrevistas ocorreu por meio de videografações, que tiveram duração de cerca de 50 minutos.

Análise dos dados coletados

Com o objetivo de analisar o discurso de jovens surdos em situação de escolarização em relação à qualidade de suas interações lingüísticas em salas de aula de escolas comuns e escolas especializadas, a linha teórica adotada neste trabalho é a perspectiva histórico-cultural, que considera que o meio sociocultural tem papel constante e constitutivo no desenvolvimento do indivíduo, e que, dessa forma, o processo de conhecimento ocorre por meio das interações sujeito/sujeito/objeto (GÓES, 1997). Nesse sentido, o processo de internalização está relacionado a um processo de mediação semiótica, que ocorre através da reconstrução interna de operações externas (VIGOTSKI, 1998). A memória, segundo essa perspectiva, teria função originalmente social (BRAGA, 2000).

Considerando o referencial teórico da pesquisa, o presente trabalho entende as entrevistas como práticas discursivas, cujo conteúdo está assentado sobre três conceitos principais: o de mediação semiótica, de Vigotski, o princípio dialógico, de Bakhtin, e o de formações discursivas e posições do sujeito, de autores da Análise do Discurso, como Pêcheux e Maingueneau.

Dessa forma, a presente pesquisa tem o discurso como centro de suas análises, entendendo, na perspectiva bakhtiniana, que a “fala” dos sujeitos entrevistados (no caso deste trabalho expressa por meio da utilização da língua de sinais brasileira) não é resultado de uma enunciação monológica, individual e isolada, mas é expressão de múltiplas vozes, carregadas de conflitos e contradições.

Assim, com o objetivo de analisar o posicionamento de adolescentes surdos em relação às suas interações lingüísticas em salas de aulas ouvintes e bilíngües da cidade de São Paulo, a palavra sinalizada está sendo considerada a unidade de análise do material coletado.

Resultados

No presente momento, a pesquisa apresentada neste relato encontra-se em andamento. No entanto, os dados coletados nas entrevistas e observações da dinâmica das salas de aula revelam, primeiramente, que as escolas regulares observadas, a despeito de toda a legislação sobre educação inclusiva, não procuraram se reorganizar estruturalmente tampouco linguisticamente (como capacitar funcionários para criar situações de interlocução em língua de sinais, por exemplo) ao receberem as matrículas das alunas com surdez. Ao mesmo tempo, em relação à forma de acesso ao currículo, é possível perceber no discurso de Mariana, aluna de escola regular, que suas interações com os professores ficam bastante limitadas pela ausência de interlocução em língua de sinais: “Quando eu tenho dúvida, eu escrevo. Aí, o professor corrige e eu sento. Se estiver errado, eu escrevo de novo para poder perguntar”.

No contexto da escola especial, por outro lado, tem-se percebido a ocorrência de um processo dialógico constante, no qual as participantes da pesquisa encontram-se inseridas no contexto discursivo, pelo fato de compartilharem o mesmo código lingüístico que vigora na instituição escolar (Libras).

Considerações finais

Acreditamos que o término do tratamento dos dados coletados assim como a análise das formações discursivas a partir dos aportes teóricos dos autores da Análise do Discurso poderão elucidar aspectos importantes dos *significados* que os sujeitos surdos pesquisados atribuem ao(s) outro(s), ao espaço que ocupam (sala de aula regular ou especial) e a si mesmos a partir dos sentidos que elaboram em suas situações concretas de enunciação vivenciadas cotidianamente.

Ao mesmo tempo, que os resultados encontrados ao final da pesquisa possam colaborar para discussões acerca da compreensão conceitual da surdez, no que refere as modificações linguísticas necessárias para atender as necessidades educacionais dos surdos em sala de aula. Levantar como as práticas de ensino tem sido organizadas para favorecer o processo de apropriação dos conhecimentos escolares pelos surdos usuários da Libras, no contexto escolar comum e especial, tem sido o tema central deste estudo, que visa explorar a condição da surdez, na lógica da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, E. S. *A constituição social da memória: uma perspectiva histórico cultural*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

BRASIL (2008). *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: 2008.

BUENO, J. G. S. Surdez, linguagem e cultura. In: *Cad. CEDES*, Campinas, set 1998, vol.19, n. 46, p.41-56.

CARVALHO, M. F. Aspectos da dinâmica interativa no contexto da educação de crianças e jovens com síndrome de Down. In: GÓES, M.C.R; SMOLKA, A.L.B. (orgs.). *A significação nos espaços educacionais: interação e subjetivação*. Campinas, Papirus, pp. 145-179.

DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. In: *Educ. Soc.*, Campinas, ago 2005, vol.26, no.91, p.583-597.

FREITAS, A.P. *A construção de narrativa por adolescentes com Síndrome de Down: um estudo da dinâmica interativa em sala de aula*. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1996.

GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan/abr. 2006.

GÓES, M. C. R. de. As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos. In: GÓES, M. C. R. de.; SMOLKA A. L. B. (orgs.). *A significação nos espaços educacionais: Interações social e subjetivação*. Campinas: Papirus, 1997.

GÓES, M. C. R. de; MARIN, C. R. A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano. In: *Cad. Cedes*, vol. 26, n. 69, p. 231-249, maio/ago. Campinas, 2006.

GÓES, M.C.R. *Linguagem, surdez e educação*. 3. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

KASSAR, M.C.M. Marcas da história social no discurso de um sujeito: uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência. In: *Cadernos Cedes*, n. 50, pp. 41-54.

LACERDA, C. B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. In: *Cadernos Cedes*, n.46, pp. 68-80. Campinas, 1998.

____. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. *Cad. CEDES*, Abr 2000, vol.20, no.50, p.70-83.

____. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 231-249, maio/ago. 2006.

LOPES, M. A. C. *Concepções de surdez de adultos surdos que utilizam língua de sinais*. 2010. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

MARTINS, S. E. S. O. *Formação de leitores surdos e a educação inclusiva*. 2005. 277f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

MOURA, M. C. *O Surdo: caminhos para uma Nova identidade*. 1996. 251 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientações Técnicas. Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. São Paulo: SME/DOT: 2007.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, M. R. de. Língua de sinais e língua majoritária como produto do trabalho discursivo. In: *Cadernos Cedes*, n. 46, pp. 57-67. Campinas, 1998.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Orgs. Michael Cole. Trad. José Cipolla Neto. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.